

O potencial da obra literária de Jorge Amado: Cenários, tempos, personagens e enredos

The potential of Jorge Amado's literary work: Scenarios, times, characters and plots

Celeste Maria Pacheco de Andrade¹
Ana Claudia Pacheco de Andrade²

RESUMO: O presente artigo analisa o potencial da obra literária de Jorge Amado reconhecendo-a como acervo e fonte para a pesquisa histórica, ao enfatizar dois temas: luta entre explorados e exploradores e relações etnicorraciais. Na interface entre a Literatura e a História, reconhece a atualidade e o alcance da obra para além da sua narrativa.

ABSTRACT: This article analyses the potential of Jorge Amado's literary work, recognizing it as a collection and source for historical research, by emphasizing two themes: the struggle between exploited and exploiters and ethnic-racial relations. At the interface between Literature and History, it acknowledges the timeliness and scope of the work beyond its narrative.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado; Interface Literatura e História; Relações etnicorraciais.

KEYWORDS: Jorge Amado; Literature and history interface; Ethnic-racial relations.

1. Um romancista contando histórias

¹ Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História, Universidade Federal da Bahia (1984), Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia (1992), Doutorado em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), Especialização em Educação Brasileira, Universidade Federal da Bahia (1999), Bacharelado em Direito, Universidade Católica do Salvador (2017) e Pós-doutorado em História, Universidade Federal da Bahia (2022). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

² Mestre em Letras: Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). E-mail: acandrade@uneb.br.



Pode-se inventar todas as teorias que se queira, e inventam-se muitas, o anti-romance, o romance-novo, e não mais o quê, que a escrita é o que conta e que o conteúdo não tem nenhuma importância... mas no fundo o romance é uma história contada. E, quanto mais bem contada, melhor será o romance, seja qual for a história. Jorge Amado (1990)

A citação em epígrafe ilustra o foco deste artigo: o reconhecimento da obra literária do escritor Jorge Amado como potencial para ilustrar determinadas representações sobre a cultura brasileira, a partir da interface da Literatura com a História.

Essa obra literária, como objeto de estudos em livros, ensaios, dissertações e teses, separatas, artigos, entrevistas, entre outros, pode ser conhecida e reconhecida, não apenas por efetivos leitores. Essa diversidade textual é que lhe dá existência histórica e social no contexto mundial, o que faz da Literatura um processo vivo de produção, circulação e divulgação.

Para além desses mecanismos de socialização, a crítica é um importante dispositivo de manutenção da vitalidade e dinâmica dessa obra, para que ganhe espaço e existência concreta. Mesmo que não seja visto como canônico da literatura brasileira, Jorge Amado tem servido de base para estudos e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, a exemplo das ciências da cultura, incluindo história, antropologia e psicologia. Na apreciação de Danielle Forget, “com talentos de um verdadeiro pintor, Amado construiu cenas da vida cotidiana que ele conseguiu ressaltar como autênticas”. (FORGET, 2000, p. 12).

Ao possibilitar relevantes diálogos com as suas narrativas, Amado traz à tona épocas que, mesmo diferentes, tornam as obras sempre atuais. Apesar de não se

saber muito sobre o escritor como pessoa, pode-se reconhecer-lhe a personalidade, através de suas informações.

Brasileiro do interior da Bahia construiu sua carreira entre a Bahia e o Rio de Janeiro, tendo importante ação política o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Na primeira fase de sua produção literária, de *O país do carnaval* (1931) a *Subterrâneos da liberdade* (1954), está presente o debate político-ideológico dos anos trinta e quarenta. De acordo com Eduardo de Assis Duarte:

Os romances desta fase exemplificam o embricamento cada vez maior entre projeto literário e projeto político e resultam do clima de excitação revolucionária existente em diversos países a partir do ascenso comunista de 1917. (DUARTE, 1996, p, 18)

Na sua construção discursiva, ele anunciava que escrevia para divertir e não para ser analisado, criticado ou estudado. Tanto assim que, perguntado sobre o papel da crítica, ele simplesmente respondeu:

Você escreve e está sujeito à crítica. Deve reconhecê-la e aceitá-la, o que não quer dizer que você esteja de acordo com ela. Você pode discordar do que a crítica diz, mas deve compreender que os críticos têm o direito de fazer as colocações que bem entenderem. [...] Em resumo, eu aceito a crítica no sentido de que ela se faça, ela se exerça. (AMADO, 1997, p. 51).

Essa figura polêmica, criticada e elogiada, faz a mais completa compilação sobre a memória da “Bahia”, tratando-a como ficção a partir do recorte de um mapa imaginário feito por ele mesmo, como um dos seus mais fiéis divulgadores, como afirma em discurso, na Academia Brasileira de Letras, em 1961:



[...] em verdade jamais me afastara da Bahia pois a conduzia mundo afora, fosse no coração amante de meu chão de nascimento, fosse nas páginas dos livros que no correr do tempo fui escrevendo e publicando, neles recriando a vida baiana, nos cenários das matas de cacau, dos atalhos do sertão de beatos e cangaceiros e nas ruas, becos e ladeiras de Salvador. (AMADO, 1993, p. 31).

Na interação com a diversidade de parcerias, ao dialogar com História, o romancista se apropria de conceitos das ciências sociais e humanas para dar maior plausibilidade à sua imaginação. Nesse sentido, faz inegáveis percursos mentais na História, pela possibilidade de produzir diferentes versões, que abrem espaços para outras “verdades”, para outras “histórias”. Conforme Wolfgang Iser:

[...] há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. (ISER, 2002, 958).

Nesse raciocínio pode-se afirmar a interface entre História e Literatura como relevante diálogo entre duas áreas do conhecimento, cujas pesquisas abrem horizontes em termos de temáticas e fontes documentais. A esse respeito, é possível comungar com a seguinte avaliação de Sandra Jatahy Pesavento:

Com o advento da História Cultural, novos parceiros surgem, em função das questões formuladas, das temáticas e objetos novos, das também renovadas fontes com as quais o historiador passa a trabalhar. Mas agora pode-se mesmo falar de um novo enfoque, que joga a História nas fronteiras do conhecimento. (PESAVENTO, 2005, p. 107).

A historiadora alerta para o encontro da História com diferentes parceiros, entre eles a Literatura cujo “diálogo a ser mantido não estabelece hierarquias ou territórios de propriedade de um campo específico”, e cujo “historiador permanece historiador neste diálogo, pois, a História é o lugar de onde se faz a pergunta”. (PESAVENTO, p. 109).

Essa aproximação das áreas se evidencia pelo estilo em narrativa que, por sua vez, se alimenta do contexto de cada época e dos valores vivenciados pelo autor. Com relação ao contexto, aspecto tão caro aos historiadores, entram em cena outros conceitos históricos, como sujeitos (autores ou não de ações), temporalidades e fatos. De forma específica é possível compreender elementos simbólicos como importantes produções para a investigação histórica.

A abordagem adotada fundamenta-se nas conexões entre história e cultura, seguindo a Nova História Cultural, uma das correntes historiográficas mais difundidas na atualidade, considerando questões teórico-metodológicas e o movimento vinculado à historiografia francesa.

Reafirma-se a intenção de empreender o estudo do *corpus* deste trabalho, a partir do paradigma de história baseado em referenciais sociais e culturais. Para Peter Burke, esse paradigma está associado a uma postura interdisciplinar para os historiadores “aprenderem a colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos, etc.” (BURKE, 1992, p. 16). Essa dilatação do campo do documento, além da credibilidade, constitui uma das grandes realizações da História Nova, neste texto adotando a interface História e Literatura, na perspectiva da Nova História Cultural.

Identifica-se, em alguns romances do escritor Jorge Amado, o potencial para o estudo de representações, a partir de dois temas: a luta entre explorados e exploradores e relações etnicorraciais. No primeiro caso, estão os romances: *Cacau*



(1933), *Terras do sem fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* (1958) e *Tocaia grande – a face oculta* (1984), no reconhecimento da figura emblemática do coronel personificando os proprietários de terras. No segundo caso, os romances: *Jubiabá* (1935), *Os pastores da noite* (1964), *Tenda dos milagres* (1969) e *A descoberta da América pelos turcos* (1991), em cujas narrativas o escritor sustenta a sua tese da miscigenação como aspecto significativo da cultura brasileira.

Nas considerações finais, defende-se que a obra literária do escritor Jorge Amado possui potencial para a pesquisa na área dos estudos culturais, tendo como metodologia a identificação de alguns temas relacionados com questões da sociedade brasileira.

2. A luta entre explorados e exploradores

A obra amadiana é um romance-reportagem de conteúdo nitidamente político, que, além de tematizar a exploração dos trabalhadores das fazendas, que viviam em situação próxima à de escravos, pode ser percebida como crítica social e autobiográfica. O espaço onde se dá a maior parte da trama é a região cacauera do Pirangi, no sul da Bahia, onde o escritor nasceu e testemunhou muitas das histórias para as quais ele aproxima a trajetória de alguns dos seus personagens.

A luta entre explorados e exploradores, mais precisamente a saga do cacau, está presente nos romances: *Cacau* (1933); *Terras do sem fim* (1942); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* (1958); e *Tocaia grande – a face oculta* (1984). São narrativas em que a figura emblemática do coronel personifica os proprietários de terras em suas relações de poder.

Em *Cacau*, a narrativa gira em torno da história de José Cordeiro, trabalhador da fazenda Fraternidade, pertencente ao coronel Manuel Misael de Sousa Teles. Esse personagem migrou de São Cristóvão, Sergipe, para Ilhéus, onde recebeu o cognome de Sergipano. A situação a que era submetido o personagem José Cordeiro pode ser identificada nas condições em que ele vivia: um casebre de palha, de cômodo único que partilhava com outros três trabalhadores. Trabalhavam na derrubada de árvores para o plantio de cacauais, o que incluía plantação, colheita, limpeza dos caroços para a secagem e ensacamento para exportação.

Segundo Maria de Lourdes Netto Simões, “pela ótica do poder, o contador de histórias relata a origem e o crescimento da civilização do cacau, o desenvolvimento de Ilhéus, o nascimento de Tabocas, depois Itabuna” (SIMÕES, 2012, p. 105). A narrativa evidencia um flagrante da exploração dos trabalhadores, pelos patrões, nas fazendas de cacau, nas próprias condições de vida: “Como era grande a casa do coronel [...] E olharam as suas casas, as casas onde dormiam. Estendiam-se pela estrada. Umas vinte casas de barro, cobertas de palha, alagadas pela chuva. – Que diferença” (AMADO, 1983, p. 12).

Em *Terras do sem fim* (1943), romance de características épicas, e que tem como cenário a região cacauera da Bahia, abrange as cidades de Ilhéus e Itabuna. Entre os personagens principais, coronel Sinhô Badaró é o responsável pela tentativa de assassinato do pequeno fazendeiro Firmo, na disputa pelas terras devolutas de Sequeiro Grande, o alvo da ambição dos que buscavam conquistar o solo ainda improdutivo. Também motivava a migração de muitos aventureiros para a região. Participou desse crime, o coronel Horácio da Silveira, um rico latifundiário, interessado na mesma área de terra e, portanto, opositor de Sinhô Badaró.



Na avaliação de Jorge Amado, esse romance de 1943 “é ao mesmo tempo um romance rural e urbano. Na verdade, a cidade está lá como se fosse um prolongamento do campo, das terras. O que importa no livro é a luta pela posse da terra” (RAILLARD, 1990, p. 181), porque “o que os Badarós desejavam era se apossar da mata para eles só, prejudicando assim, não só os legítimos proprietários como também o progresso da zona, a subdivisão da propriedade [...]” (RAILLARD, p. 190).

Nesse cenário de espoliações, há crimes, traições e conflitos amorosos, que denunciam, de forma contundente, a ambição dos coronéis, escancara o patriarcalismo, o clientelismo, a violência, o domínio dos mais ricos contra os menos favorecidos, expondo a face da injustiça social. A própria prática do “caxixe” exemplifica a injustiça social, quando advogados redigiam documentos falsos assegurando aos coronéis a posse de terras de pequenos lavradores. Ao resistirem, geralmente os lavradores eram mortos pelos jagunços.

Embora se valendo de um estilo lírico e vivendo a liberdade de vender os próprios livros, o escritor expõe uma realidade bruta. Cabe salientar que Amado foi preso por três meses e teve alguns títulos censurados e tendo sido, pela ação do Estado Novo (1937-1945) ao qual era oponente por seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro. Segundo Eduardo de Assis Duarte, nesse romance, Jorge Amado “[...] conseguiu trazer para a literatura todo o ciclo histórico da primitiva disputa fundiária. E, como poucos, soube fazer da memória coletiva obra de arte” (DUARTE, p. 152).

A disputa de terras continua no romance *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Os coronéis, personificados em Horácio da Silveira Frederico Pinto e Sinhô Badaró,

patrocinaram lutas sangrentas. Consequentemente advogados, trabalhadores urbanos, operários e comerciantes tornaram-se ricos e poderosos.

Como desdobramento da cultura cacauera, houve uma fase de produção industrial e financeira que ensejou bons negócios: mercado internacional e riqueza para exportadores; desbravamento de terras; internacionalização do produto de ouro, o cacau, transformação da antiga localidade de São Jorge dos Ilhéus em cidade do dinheiro, dos cabarés, dos bons negócios, apesar dos acordos escusos.

Entre os coronéis que enriqueceram com a economia cacauera, a narrativa destaca Carlos Zude, proprietário da empresa Zude, Irmãos & Cia, por associar-se aos exportadores americanos Karbanks e Schwarz, ao alemão Rauschnings e a brasileiros. Ambicionavam a elevação artificial do preço do cacau no mercado e o financiamento de crédito para plantadores, a partir da expansão das suas lavouras. Essa riqueza, além de trazer prosperidade e luxo, desencadeou endividamentos, execuções de cobrança, ruínas e suicídios. Em entrevista a Alice Raillard, Jorge Amado afirma:

Terras do Sem Fim e São Jorge dos Ilhéus têm praticamente uma unidade temática: é uma história única que se desenvolve sob dois ângulos, dois pontos de vista, dois tempos. Um tempo que é anterior ao craque da Bolsa de Nova York, em 1929, e outro posterior, depois da Revolução de 1930. (RAILLARD, p. 157).

São Jorge dos Ilhéus dá continuidade à saga de Terras do sem fim, porque:

[...] o empenho do romance está em narrar o processo que leva ao 'feudalismo' dos coronéis ao capitalismo dos exportadores, culminando com a crise que gera o desemprego e permite a agitação comunista entre os 'alugados'. (DUARTE, p. 154-155).



Ainda nessas terras é produzido o romance *Gabriela Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior* (1958) cuja história acontece em 1925, associando cacau a progresso. Nesse sentido, fugindo das mazelas da seca e das adversidades do sertão, a leva de retirantes esfomeados e sujos dirige-se a Ilhéus, na perspectiva de encontrar a terra prometida, bem como ilustra a narrativa:

Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abundavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. Muitos ficavam pelo caminho, não suportavam a travessia de horrores, outros morriam ao entrar nas regiões das chuvas, onde o tifo, o impaludismo, a bexiga os esperavam. Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam desesperança naquele dia derradeiro de marcha. Um pouco mais de esforço e teriam atingido a cidade rica e fácil. As terras do cacau onde dinheiro era lixo nas ruas. (AMADO, 1983, p. 84).

Os personagens expulsos do sertão pela própria natureza vão vivenciar outra fase, de florescimento no sul da Bahia. Mesmo com a abundância da natureza e a riqueza advinda da exploração econômica o movimento promove a integração ao homem ao meio. Para Ívia Alves, *Gabriela Cravo e Canela* possibilita a percepção de dois momentos políticos da história brasileira:

[...] aquele que está encenado no romance, localizado na cidade de Ilhéus, em 1925, às vésperas do tenentismo e dos anos 30, com Getúlio Vargas, e o momento da publicação do livro, em 1958, com a investida modernizadora de governos democráticos, mas às vésperas da ditadura militar. (ALVES, 2004, p. 11).

De modo geral, em termos de qualidade narrativa, a crítica reconhece que esse romance é um divisor de águas, fato que pode ser constatado pelo ingresso de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras, em 1961. Dois enfoques nítidos podem ser ressaltados: a história de Gabriela, personagem que dá título ao romance, e a descrição de uma realidade de características rurais transitando para centro urbano desenvolvido. Revela contradições, a exemplo de tropas de burros convivendo com caminhões, caixeiros viajantes com engenheiros, entre outros traços. O subtítulo “crônica de uma cidade do interior” sugere uma fase de progresso, assim expresso:

A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracteriza no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados à cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando as ruas sem calçamento, ora de lama permanente, ora de permanente poeira, tiros enchendo de sustos as noites intranquilas, mascates exibindo suas malas nas calçadas. (AMADO, 1983, p. 13).

Dando continuidade às narrativas de terras envolvendo violência, o romance *Tocaia grande – a face oculta* (1984) traduz a formação de um arraial no Nordeste do século XX, que se movimenta com a presença de comerciantes, prostitutas, tropeiros e ex-escravos. Não é à toa que o nome tocaia se refere à ação marcada por emboscadas ou tocaias.

Ajustados ao sistema coronelista para resistir à pressão da igreja e do poder econômico-político alguns personagens contribuem para o crescimento do povoado, a exemplo da cafetina Jacinta Coroca, do negro Castor Abduim ou Tição Aceso e do comerciante libanês Fadul Abdala. Maria de Lourdes Netto Simões



esclarece que, em *Tocaia Grande*, “[...] Jorge Amado relê a saga do cacau, não mais na perspectiva do poder do coronel, mas, então, da ótica do menos favorecido, ou seja, do trabalhador rural, da prostituta, do negro, do árabe (sírio e libanês) comerciante” (SIMÕES, p. 107).

O jagunço Natário da Fonseca, um caboclo de feições duras, estava de tocaia contra o oponente do seu patrão, o coronel Boaventura, visando receber, por pagamento do ato criminoso, alguns alqueires, onde mais tarde passaria a plantar cacau. Estava em jogo, portanto, a disputa pela posse de terras devolutas do sertão.

Além dos romances amadianos que exploram a questão das lutas na região do cacau, é possível, também, avaliar o potencial de outros dos seus romances para o estudo de representações etnicorraciais.

3. Relações étnico-raciais

De forma diferenciada, no que se refere à narrativa, as questões etnicorraciais ocupam o centro da história nos romances: *Jubiabá* (1935); *Os pastores da noite* (1964); *Tenda dos milagres* (1969); e, *A descoberta da América pelos turcos* (1991), embora cada história sustente a miscigenação como aspecto significativo da cultura brasileira.

Em *Jubiabá*, a narrativa gira em torno da trajetória do protagonista Antônio Balduíno, Baldo, menino pobre do morro do Capa-Negro, na Cidade do Salvador. Quando criança perambula pelas ruas cometendo pequenos delitos. Agregado da casa de um Comendador, tornou-se boxeador, artista de circo, trabalhador nas plantações de fumo e estivador, atividade que lhe conduziu ao comando de uma

greve, no porto. Apesar de não ser o mote do enredo, entre as suas facetas, Baldo exibe, a de “mulherengo” e, por ironia do destino, se apaixonou por Lindinalva, a filha do Comendador.

Dessa forma, observando e tomando para si as dificuldades vivenciadas pelas classes populares em sua condição de subjugação a ricos e poderosos, Jorge Amado deixa transparecer a sua ideologia política. Analisando a trajetória de Antônio Balduíno, afirma Eduardo de Assis Duarte:

As idas e vindas do personagem, a combinação de circularidade com linearidade ascensional revelam a trajetória espiral da narrativa, como se esta funcionasse como ampliação da mola propulsora da cena inicial, a impelir reiteradamente o personagem rumo à formação da consciência revolucionária. (DUARTE, p. 85).

Apesar de o título referir-se ao Pai-de-santo protetor de Antônio Balduíno, e não sendo o personagem que centraliza a trama, Jubiabá narra trajetória de Baldo. Além disso, focalizando questões raciais que se desenvolveriam no seu romance tese, *Tenda dos Milagres*, em 1969. Conforme Heloísa Borges Marques,

O romance *Jubiabá* revela um paralelismo temático, na abordagem simultânea do aspecto místico-religioso do candomblé, representado pela figura de Jubiabá e sua vivência de sacerdote do povo, bem como pela problemática do proletariado que se organizava como classe trabalhadora, em contraposição a um sistema econômico estratificador e elitista. O narrador aparentemente não hierarquiza as duas temáticas. (MARQUES, 2004, p. 27).

Nessa avaliação, o “místico-religioso” e “a problemática do operariado” assumem a mesma relevância no encaminhamento narrativo-discursivo, porque o



saber de Jubiabá não basta para o estabelecimento da greve. Recorrendo a Jorge Amado:

[...] Jubiabá, que tanto do ponto de vista da concepção e da narração do romance quanto de uma conceitualização ideológica da história representa [...] um passo muito grande para a frente, em relação aos romances que o precederam.

[...] O problema da raça é colocado de uma forma muito violenta, a tal ponto que, no fim do livro, Balduino compreende que o problema de raça é antes de mais nada um problema de classe. (RAILLARD, p. 101).

É o próprio escritor quem reconhece o significado do romance Jubiabá para a sua carreira literária, vida pessoal e política, comparando-o aos romances anteriores, *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

Para Eduardo de Assis Duarte, “a questão da negritude aflora toda vez que se pensa o papel do narrador, já que não se trata simplesmente de falar do proletário, mas do proletário negro” (DUARTE, p. 107). Acrescenta o referido crítico: “É, pois, no contexto de uma apropriação marxista da negritude que Jorge Amado faz de Antônio Balduino o primeiro herói negro da literatura brasileira” (DUARTE, p. 108), e estabelece, ainda, uma comparação com outros protagonistas negros, ao afirmar que, “em sua constituição romanesca, o personagem amadiano ultrapassa a todos esses, destacando-se frente à sua raça e à sua classe, no momento em que se inaugura uma etapa nova das lutas sociais no Brasil” (DUARTE, p. 108).

No romance *Os Pastores da Noite*, formado por três episódios independentes, Jorge Amado preserva uma relação profunda, entre os episódios e os personagens. O primeiro episódio se desenvolve com a notícia do casamento do cabo Martim, mestre do jogo de cartas marcadas, com Marialva, e essa notícia estendeu-se até o

estado de Sergipe. Descrito como malandro, o Cabo Martim conseguiu provocar, um rebuliço na cidade da Bahia, além do ciúme da cafetina Tibéria, despertou o interesse de outros homens, a exemplo de Curió, que se apaixona pela mulher do seu melhor amigo.

O segundo episódio centra-se narra a questão racial ao focalizar a história de Felício, um menino de olhos azuis, filho de Benedita, a alagoana, e do negro Massu. Antes de completar um ano de vida, foi marcada uma cerimônia religiosa de batismo, numa igreja católica do Pelourinho, com ritos católicos e do candomblé. Durante a cerimônia, o padre, que era padrinho da criança, recebe uma divindade, o orixá Ogum, que se manifesta em pleno ato religioso, resultando no espanto de alguns católicos. Intencionalmente, há inclusão do chamado sincretismo religioso.

Nesse segundo episódio, o escritor evidencia, através da mestiçagem, o candomblé como religião e uma das expressões de liberdade. É oportuna, então, a apreciação subsequente de Edvaldo A. Bergamo:

Procurando presentificar os valores e os ideais da luta internacional dos trabalhadores e oprimidos de toda ordem, o romance engajado de Jorge Amado cede a voz e a vez ao marginalizado, o que levou o escritor baiano a integrar à utopia política de esquerda do período, cuja proposta é a condenação dos malefícios do capitalismo e a viabilização de um projeto de uma sociedade renovada. (BERGAMO 2012, p. 252).

O terceiro episódio narra a invasão do Morro do Mata Gato e a decisão do dono do terreno de expulsar as pessoas à força utilizando um mandado. Mesmo tendo a desapropriação negociada e a medida agradao a todos os moradores, houve um jogo de interesses inescrupulosos beneficiando políticos.



Conjuntamente, os três episódios que compõem o livro representam o universo da cidade de Salvador e do Recôncavo, onde situações de harmonia e de conflito fazem parte do cotidiano e entrelaçam solidariedade, religião e miscigenação ao convívio da amizade e das relações amorosas. Com base nesses aspectos, é pertinente citar Itazil Benício dos Santos:

Sendo, por índole, contrário a toda forma de cerceamento da liberdade individual ou de grupo, do direito de pensar e agir livremente, consciente, por outro lado, da necessidade de preservar a cultura negra de nossas raízes, Jorge lutou pela liberdade religiosa no Brasil, do culto afro-brasileiro, portanto. (SANTOS, 1993, p. 82).

O título *Tenda dos Milagres* faz referência a um espaço localizado na Ladeira do Tabuão, em Salvador, uma modesta tipografia onde Lídio Corró, amigo de Pedro Archanjo, pinta quadros de milagres de santos. Como intelectual orgânico e autodidata, defensor da miscigenação, autor de livros sobre a herança cultural africana, Pedro Archanjo abala a hegemonia da elite racista.

Com esse romance de 1969, trinta e quatro anos depois da publicação de *Jubiabá*, o escritor retoma a questão racial, proclamando assim:

Tenda dos Milagres é Jubiabá revisitado, mas a conotação é diferente. Trata da questão da formação da nacionalidade brasileira, da luta contra os preconceitos, principalmente o racial, contra a pseudociência, a pseudo-erudição 'europeizante', contra as teorias daquele francês que foi embaixador no Brasil. (RAILLARD, p. 214).

Retrospectivamente, a narrativa se desenvolve em dois tempos: o tempo do discurso, que é o da publicação da obra (1969) e o tempo da história, entre 1868-1943, que comporta a trajetória de vida do mulato Pedro Archanjo,

precisamente de 18 de dezembro de 1868, “na Cidade do Salvador, Estado da Bahia” (AMADO, 1983, p. 185) a 1943, data da sua morte “aos setenta e cinco anos de idade” (AMADO, p. 187). Segundo Heloisa Borges Marques,

Em Jubiabá e Tenda dos Milagres as problematizações de Jorge Amado se traduzem na elaboração de um discurso metaficcional historiográfico. Esses discursos revolvem os arquivos da memória do país, para dar poder de voz e de luta aos negros e mestiços, figuras excluídas do panteão nacional. O escritor desenha para eles uma moldura contextual heroica, a partir da periferia social, destacando a contribuição consistente e salutar da cultura negra, na mistura, e registrando sua legitimidade, pela via da ficção. (MARQUES, p. 37).

Considerando o tema raça inserido em Jubiabá, o escritor alça à categoria de herói, em Tenda dos Milagres, o personagem mestiço, Pedro Archanjo, que lhe serve para defender a tese da mestiçagem. Para compor, então, a seleção do tema étnico-racial neste artigo, cita-se José Saramago que tece a seguinte opinião sobre a novela de 1994:

Prodígio da arte de narrar, *A descoberta da América pelos turcos*³, não obstante a sua brevidade quase esquemática e a sua aparente singeleza, merece ocupar um lugar ao lado dos grandes murais romanescos, como Jubiabá, Tenda dos Milagres ou Terras do Sem fim. Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante. Aí está, pois, o dedo do gigante, o dedo de Jorge Amado. (SARAMAGO, 2008, p. 114).

E como o título sugere, *A Descoberta da América pelos Turcos* (1994)⁴ traz à imaginação do escritor esses especiais protagonistas: um sírio, Jamil Bichara e um

³ A primeira edição data de 1992, em língua francesa.

⁴ O escritor assim intitula o romance: *A descoberta da América pelos turcos* ou *De como o árabe Jamil Bichara, desbravador de florestas, de visita à cidade de Itabuna para dar abasto ao corpo, ali lhe ofereceram fortuna e casamento* ou ainda *Os esponsais de Adma*.



libanês, Raduan Murad. Ambos desembarcaram na Bahia, precisamente no litoral sul, atraídos pelo eldorado do cacau. Jamil, com perfil de trabalhador, abre um empório em Itaguassu vislumbrando “fazer a América”, enquanto Raduan, descrito como boêmio, se instala em Itabuna. Com esses elementos é revisitada tanto a formação da cultura cacaueira quanto a formação do povo brasileiro, com destaque para o mestiço.

Com a presença de turcos no processo de desbravamento da região sul da Bahia o autor retoma o tema mestiçagem, afirmando:

A acreditar-se nos historiadores ibéricos, sejam espanhóis, sejam portugueses, a descoberta das Américas pelos turcos, que não são turcos coisíssima nenhuma, são árabes de boa cepa, deu-se com grande atraso, em época relativamente recente, no século passado, não antes. (AMADO, 2008, p. 19).

Ao combinar violência, humor, inocência e astúcia, essa novela pode ser vista como uma homenagem à passagem do quinto centenário da descoberta do continente americano, visto coincidirem o tempo da escrita, início dos anos 90 e o tempo da narrativa.

Através dessas narrativas que fizeram o mundo começar a conhecer o Brasil na sua “complexa heterogeneidade”, José Saramago critica as “percepções europeias” sobre o “leque étnico”, ao declarar, especialmente sobre a novela *A descoberta da América pelos Turcos*:

[...] afinal, havia também que contar com a multidão de turcos, sírios, libaneses e *tutti quanti* que, a partir do século XIX e durante o século XX, praticamente até aos tempos actuais, tinham deixado os seus

países de origem para entregar-se, em corpo e alma, às seduções, mas também aos perigos, do eldorado brasileiro. (SARAMAGO, p. 114).

Apresentados os romances que compõem o *corpus* deste artigo, é possível viabilizar pesquisas na área de História, seja tratando de questões que envolvem lutas entre explorados e exploradores; seja pelas próprias questões etnicorraciais.

4. Reflexões finais

Este artigo intencionalmente evidenciou o valor da obra literária de Jorge Amado ao revelar problemas da região sul da Bahia, mais precisamente a saga do cacau nas lutas entre explorados e exploradores nos romances: *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior* (1958) e *Tocaia Grande – a face oculta* (1984). Além disso, possibilita ao pesquisador questionar relações etnicorraciais: *Jubiabá* (1935), *Os pastores da noite* (1964), *Tenda dos milagres* (1969) e *A descoberta da América pelos turcos* (1991).

Para empreender a tarefa, partindo dos estudos da Nova História Cultural e do conceito de representações, de Roger Cartier, foi possível estabelecer o diálogo entre História e Literatura, como mote para a pesquisa usando as representações desse escritor como um contador de histórias, no entendimento de que história contada também é literatura.

Na busca de fontes de sustentação para o historiador e não temendo as diversas modalidades que pudessem preencher lacunas e silêncios, ficou estabelecido o diálogo, a tênue fronteira entre História e Literatura.



O presente artigo permite concluir que a obra literária de Jorge Amado constitui-se de uma variedade de temas, questões, concepções ideológicas e reivindicações. Trata-se, portanto, de uma obra que permanece acompanhando e mantendo atualizada a própria história brasileira.

Referências bibliográficas

ALVES, Ívia. As mudanças de posição da crítica e a produção de Jorge Amado. In: *Em torno de Gabriela e Dona Flor*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos*. São Paulo: Cia da Letras, 2008.

AMADO, Jorge. *Cacau*. 42 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Discursos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 65 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Os pastores da noite*. 39 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 50 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Tocaia grande – a face oculta*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

AMADO, Jorge. ABC da literatura. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, nº 3, mar. 1997.

BERGAMO, Edvaldo Aparecido. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neorrealismo literário português*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BERGAMO, Edvaldo Aparecido. Jorge Amado e o romance africano de Língua Portuguesa. In: FRAGA, Miriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs.) *Jorge Amado nos terreiros da ficção*. Itabuna: Via Litterarum; Casa de Palavras, 2012.

BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: *A escrita da História*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

FORGET, Danielle. Introdução. In: OLIVEIRA, Humberto L. e SOUZA, Lícia S. (orgs.). *Heterogeneidades: Jorge Amado em diálogos*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARQUES, Heloísa Borges. *Vozes negras nas ladeiras mestiças da cidade da Bahia: o discurso da mestiçagem na ficção de Jorge Amado* Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SANTOS, Itazil Benício dos. *Jorge Amado: retrato incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SARAMAGO, José. Uma certa inocência. Posfácio à Descoberta da América pelos turcos. In: AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos*. São Paulo: Cia da Letras, 2008.



SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Jorge Amado e as terras do cacau. In: FRAGA, Miriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs.) *Jorge Amado nos terreiros da ficção*. Itabuna: Via Litterarum; Casa de Palavras, 2012.

Recebido em 14/08/2023

Aceito em 07/12/2023